

A ERA DIGITAL NAS INSTITUIÇÕES DE GUARDA BRASILEIRAS – A EXPERIÊNCIA DA REDE DA MEMÓRIA VIRTUAL BRASILEIRA

Paulo Miguel Fonseca

paulomiguel@bn.br

UERJ/FBN

Vinícius Pontes Martins

vinicius@bn.br

UERJ/FBN

Resumo

Esse relato tem por objetivo difundir uma experiência de trabalho que tem apresentado resultados muito favoráveis na Biblioteca Nacional. O site da Rede da Memória Virtual Brasileira tem como princípio a difusão e democratização de acervos históricos e culturais. A concepção do site preocupa-se em contemplar, além do público pesquisador especializado, um público leigo que normalmente não tem acesso ou possibilidade de conhecer esses conjuntos documentais.

Palavras-chave: Digitalização. documento digital. Rede da Memória Virtual Brasileira.

Abstract

This report has the aim of spreading a great profit work experience to the Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. The Rede da Memória Virtual Brasileira's website has as a principle the democratization of access to cultural and historical holdings. The website conception concerns, besides the scholar/especialized public, with accessing of unespecialized public that normally do not have access or possibilities of knowing this documentation.

Keywords: Digitalization. Digital documents. Rede da Memória Virtual Brasileira.

O início

A Fundação Biblioteca Nacional, depositária do patrimônio bibliográfico e documental do Brasil, tem a missão de garantir a todos os cidadãos o acesso à memória cultural brasileira. De modo a cumprir sua missão a Biblioteca Nacional sempre desenvolveu diversas atividades e projetos, que tem como objetivo a democratização e ampliação do acesso por parte da população à informação, a partir de fontes primárias de pesquisa.

Com a sede da instituição no Rio de Janeiro, a forma idealizada para dar conta desta tarefa foi a da disponibilização de seus acervos na internet. Assim todos os cidadãos brasileiros poderiam usufruir as preciosidades guardadas na Biblioteca Nacional. No entanto, por se tratar de uma instituição pública a concretização dessa tarefa não tem se mostrado fácil. Nesse novo front de ingresso na era digital, apresentaram-se as mais variadas adversidades: falta de dotação orçamentária específica; deficiência de equipamentos, infraestrutura e dificuldades para contratação de mão-de-obra especializada nesse tipo de serviço.

Diante das dificuldades que se apresentaram, a Biblioteca Nacional optou por uma abordagem diferente para sanar seus problemas iniciais. Procurou firmar parcerias com órgãos de fomento, governamentais, ou não-governamentais, entidades nacionais e internacionais, buscando a partir de projetos específicos adquirir know how e se aparelhar para no futuro poder dar conta de implementar uma política sistemática de digitalização de acervos. Assim, firmando parcerias e desenvolvendo diversos projetos, a Biblioteca Nacional foi recebendo e adquirindo equipamentos de última geração, adquirindo experiência na digitalização de acervos raros e capacitando seus técnicos.

Com base na experiência acumulada nesses diversos projetos que envolveram digitalização de acervos, a Biblioteca Nacional conseguiu instituir uma política sistemática de digitalização de seus acervos sem abrir mão de continuar com as parcerias, que se mostraram tão frutíferas. Ao contrário do que acontece na Europa hoje em dia, onde há uma preferência pela digitalização de material corrente, principalmente no âmbito da pesquisa científica, a digitalização dos acervos da Biblioteca Nacional tem grande enfoque nos acervos raros. Isso se explica por diferentes razões que vão desde as dificuldades de preservação e restauração desses materiais, questões de direitos autorais e questões relativas à procura desses acervos pelos usuários.

Assim, no que se refere digitalização e disponibilização de seus acervos, a Biblioteca Nacional é uma das que mais avançou dentre as instituições brasileiras. Para dar conta de disponibilizar e dar tratamento técnico adequado aos materiais digitais gerados, a Biblioteca Nacional lançou em 2006 a Biblioteca Nacional Digital, que conta hoje com mais de cinco mil registros, entre eles mais de 700 mapas, 800 partituras musicais e 70 títulos de periódicos. Praticamente todo o acervo de mapas raros está disponível na Internet.

O material digitalizado nos projetos específicos gerenciados pela Biblioteca Nacional com suas instituições parceiras são imediatamente disponibilizados online. Assim nos próximos meses os álbuns fotográficos da Coleção Thereza Christina Maria, acervo que recebeu a chancela da UNESCO no Programa Memória do Mundo, e se constitui num dos mais importantes acervos para a história da fotografia no Brasil, estará disponível em site próprio, produzido pela Biblioteca Nacional através de um projeto financiado pela Getty Foundation dos Estados Unidos.

Este importante projeto trouxe a luz pérolas do acervo fotográfico da Biblioteca Nacional, datadas dos primórdios da fotografia no Brasil. Nele estão registradas viagens da família Imperial Brasileira ao Brasil e ao exterior, obras de melhorias da infraestrutura do país como construção de ferrovias e canalização de água para abastecimento, cenas e personagens do cotidiano, entre tantas outras.

Procedimentos

Todo esse material digital foi produzido no Laboratório de Digitalização da Biblioteca Nacional, considerado o mais bem equipado entre as Instituições públicas brasileiras, que conta com modernos equipamentos para captura digital, entre eles, dois scanners Power Phase One de alta definição para materiais de grande formato.

Após a captura, esses arquivos digitais são revisados de forma a garantir sua qualidade e a fidelidade com o original. A Biblioteca Nacional não manipula seus arquivos digitais com o intuito de melhorá-lo em relação ao seu original. O que é disponibilizado na Biblioteca Nacional Digital é a cópia fiel do original. Assim sendo é importante ressaltar o trabalho fundamental do Centro de Conservação e Encadernação que atua em sintonia com a digitalização, preparando e restaurando os documentos antes destes serem digitalizados.

Uma vez capturados e revisados uma equipe especializada da Coordenação de Informação Bibliográfica da Biblioteca Nacional insere seus metadados descritivos, administrativos e de preservação. A definição do esquema de metadados a ser utilizado foi baseada em padrões internacionais, escolhidos de acordo com as necessidades específicas da Biblioteca Nacional. A base de dados de imagens foi modelada de acordo com padrões de metadados baseados no Dublin Core Metadata Initiative (DCMI) e no Metadata Object Description Schema (MODS).

O script desenvolvido para a entrada dos metadados funciona por si só como um tutorial para o processamento técnico de arquivos digitais, com auxílio para a descrição do tipo de informação a ser registrada e sistema de controle de qualidade que impede a omissão de dados obrigatórios. Os padrões aplicados ao sistema de gestão de metadados permitem a gerência dos arquivos digitais no que se refere à sua descoberta, identificação, administração e preservação a longo prazo além da comunicação com outros sistemas de bibliotecas digitais. Este padrão de gestão de arquivos digitais desenvolvido pela equipe de técnicos da Biblioteca Nacional, devido à sua grande aceitação, poderá se tornar um modelo de construção de bibliotecas digitais em âmbito nacional.

A Rede da Memória Virtual Brasileira

O contínuo desenvolvimento dessas metodologias de tratamento de arquivo digital e a inauguração do Laboratório de Digitalização da Biblioteca Nacional, permitiu à instituição lançar uma idéia grandiosa: apresentar ao público acervos de instituições de todo o país, introduzidos por textos de especialistas nas artes, literatura e história brasileira.

Seguindo essa diretriz, no ano de 2004 a então diretora do Centro de Processos Técnicos, Dra. Célia Ribeiro Zaher, planejou e iniciou um projeto ambicioso: formar uma rede de circulação de conhecimentos, estudos, saberes e acervos relativos à história do Brasil, suas expressões artísticas, literárias e culturais; a Rede da Memória Virtual Brasileira. Em parceria com a Biblioteca Nacional, universidades e bibliotecas públicas seriam convidadas a formar uma rede de dados comum às instituições participantes do projeto. Nesta rede se disponibilizariam informações sobre os acervos, em um sistema criado e gerenciado pela Biblioteca Nacional. Ao projeto da Rede da Memória Virtual Brasileira uniu-se alvissareiramente a FINEP, que dispôs os recursos necessários para a implementação do protótipo do site.

A “Rede da Memória Virtual Brasileira” procurava, a princípio, ser um modelo brasileiro do site bilíngüe “United States and Brazil: Expanding Frontiers, Comparing Cultures”, parte do projeto “Global Gateway” desenvolvido pela Library of Congress dos Estados Unidos. Passado pouco mais de um ano de trabalho, o modelo original mostrou-se pequeno perto das ambições do projeto. No final de 2005, a nova diretora do Centro de Processos Técnicos, Liana Gomes Amadeo, propôs reformulações à concepção original da Rede da Memória. Uma nova equipe executora foi contratada e novas propostas incorporadas ao modelo inicial da Rede. Buscou-se ampliar as parceiras e a abrangência temática da Rede de forma a permitir seu uso por parte de leitores especializados e leigos.

Como forma de atrair o público leigo, pesquisadores e acadêmicos ligados a cada uma das áreas são convidados a colaborar com a construção do portal, escrevendo textos que ajudem o público a contextualizar as diversas temáticas apresentadas. Os temas são incorporados ao portal e a grade temática geral como novas páginas que congregam os textos dos pesquisadores e o material cedido pelas instituições parceiras. A criação dessas páginas de texto segue a estética geral do portal, acrescentando-se, porém, elementos específicos de cada conteúdo apresentado, dessa forma, cada temática tem sua própria identidade visual.

Os textos escritos pelos especialistas das áreas são revisados pela equipe do projeto, de forma a uniformizá-los com uma linguagem coloquial – sem perda de qualidade – que seja atrativa ao público não-especializado. A equipe do projeto prepara também hiperlinks a serem inseridos nos textos, aprofundando o assunto abordado, relacionando principalmente biografias de pessoas e entidades coletivas. Como forma de assegurar a qualidade dos artigos, foi feita uma parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, dessa forma, o projeto conta com a consultoria da Professora Doutora Tânia Maria Bessone da Cruz Ferreira, diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas daquela Universidade. Espera-se que futuramente o projeto venha a ter outros consultores, formando um conselho editorial.

Além da colaboração de pesquisadores, as parcerias feitas com instituições – propostas até então exclusivamente a bibliotecas e universidades públicas – também se diversificaram. De forma mais abrangente, o projeto oferece parceria a instituições produtoras de conhecimento, guarda de acervos históricos e culturais, bibliotecas, arquivos e museus, sejam elas ligadas a universidades ou não. Através da Rede da Memória essas instituições parceiras poderiam disponibilizar acervos digitais – por vezes reproduzidos e tratados pela própria Biblioteca Nacional – e utilizar a base de dados do projeto para oferecer informações sistematizadas sobre seus acervos. A entrada de dados na base da Rede da Memória segue o padrão adotado pela instituição: MARC 21. Para arquivos documentais de outras instituições, bem como para inserção de metadados do acervo da Divisão de Manuscritos da Biblioteca

Nacional foi disponibilizada uma planilha de entrada de dados baseada nas normas brasileiras de descrição arquivística Nobrade. Como a Nobrade e o ISAD-G se constituem em diretrizes para a descrição arquivística, e ainda carecem de um formato de entrada de dados, a Biblioteca Nacional utiliza o formato MARC 21, a partir da correspondência ISAD-G x MARC 21 apresentada no Encoded Archival Description.

A fundamentação das parcerias com as instituições de guarda de acervo e produção de conhecimento dá-se na cessão de informações e acervos digitais derivadas de seus acervos. A Biblioteca Nacional, como coordenadora do projeto, visita as instituições parceiras e por vezes realiza, ela própria a digitalização do material selecionado que fará parte do site da Rede da Memória, utilizando equipamentos do Laboratório de Digitalização da Biblioteca Nacional. Nesses casos, a Biblioteca Nacional gera arquivos másteres do acervo reproduzido e entrega cópias desse material à instituição detentora do acervo. O material digitalizado passa então a integrar o acervo do Programa de Preservação Digital da Biblioteca Nacional. Dessa forma, são gerados backups em arquivos on-line e off-line – acondicionados em sala cofre climatizada – e arquivos derivados para exibição na Internet. Todo o procedimento segue as normas e padrões internacionais relativas à reprodução digital de acervos e é executado por técnicos da área de informática, especializados em tratamento de imagens. Todo material digital disponibilizado na Internet apresenta baixa resolução; ideal para a visualização e possibilitando cópias caseiras, porém sem qualidade para reprodução profissional. Essa continua sendo feita na instituição de guarda do referido acervo, seguindo sua política própria de reprodução.

Importante ressaltar que a Biblioteca Nacional não impõe termos ou condições à adesão à Rede. Esperamos que a Biblioteca seja apenas a coordenadora de um consórcio de instituições. Em última instância, cada instituição decide qual será sua participação; seja em relação à utilização da base de dados do projeto, a cessão de arquivos digitais ou textos e a escolha do material digital a ser utilizado se for esse o caso.

Deve-se notar que o objetivo principal do projeto da Rede da Memória Virtual Brasileira é auxiliar as instituições que se interessarem, inclusive as não tiverem condições técnicas e/ou humanas, a se integrarem a Biblioteca Nacional para participar de uma rede virtual nacional. Em uma época em que há interesse dos governos em programas e projetos de inclusão digital esses acervos, patrimônios da cultura brasileira, são conteúdos fundamentais para alcançarmos a infoinclusão.

Desse modo, dar conhecimento desses acervos da forma mais democrática é um dever da sociedade brasileira e de suas instituições, sejam públicas ou privadas. As fotografias de Augusto Malta e Júlia Wanderley (pertencentes ao Museu Histórico Nacional e Fundação

Cultural de Curitiba, respectivamente), as gravuras de Poty Lazzarotto (Fundação Cultural de Curitiba) e os esboços de Oscar Niemeyer (Fundação Oscar Niemeyer), entre muitos outros acervos disponíveis no site, pertencem à sociedade para serem vistos e estudados.

O Futuro

Em novembro de 2006, o protótipo da Rede da Memória Virtual Brasileira foi ao ar, e a primeira atualização foi feita em março último. O site conta atualmente com cerca de dez mil acessos mensais, sete parceiros institucionais – entre eles o Museu Histórico Nacional, a Fundação Casa de Rui Barbosa e a Fundação Cultural de Curitiba – e cerca de cento e sessenta textos e mais de três mil arquivos digitais. Novas parcerias estão em negociação. A expectativa para o biênio 2007/2008, com um novo projeto a ser também financiado pela FINEP, é nacionalizar o portal expandindo o rol de instituições participantes, realizando parcerias com instituições representativas de todas as regiões brasileiras. Nesse sentido, além de todos os benefícios apresentados, o projeto da Rede da Memória Virtual Brasileira servirá como base da criação do Repositório da Memória Digital Brasileira, uma demanda da sociedade a ser concretizada em um futuro próximo.

Para quem quiser conhecer a Rede da Memória Virtual Brasileira, o endereço é <http://catalogos.bn.br/redememoria>